VARIEDADES

Vôos da memória

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO *

A avó de Chico morreu. Das mãos de suas tias, ele recebeu uma trouxa contendo retalhos de tecidos, botões, fecho-eclair, fitas coloridas, rendas, toalhinhas e mais uma caixa que guardava os apetrechos de costura de sua avó. Era a herança deixada por ela para ser entregue a ele. Chico pensou, pensou muito. O que fazer com o que tinha herdado dessa mulher? Resolveu então confeccionar pipas com os materiais daquela trouxa. Costura, borda e prega os botões e as fitas no brinquedo voador.

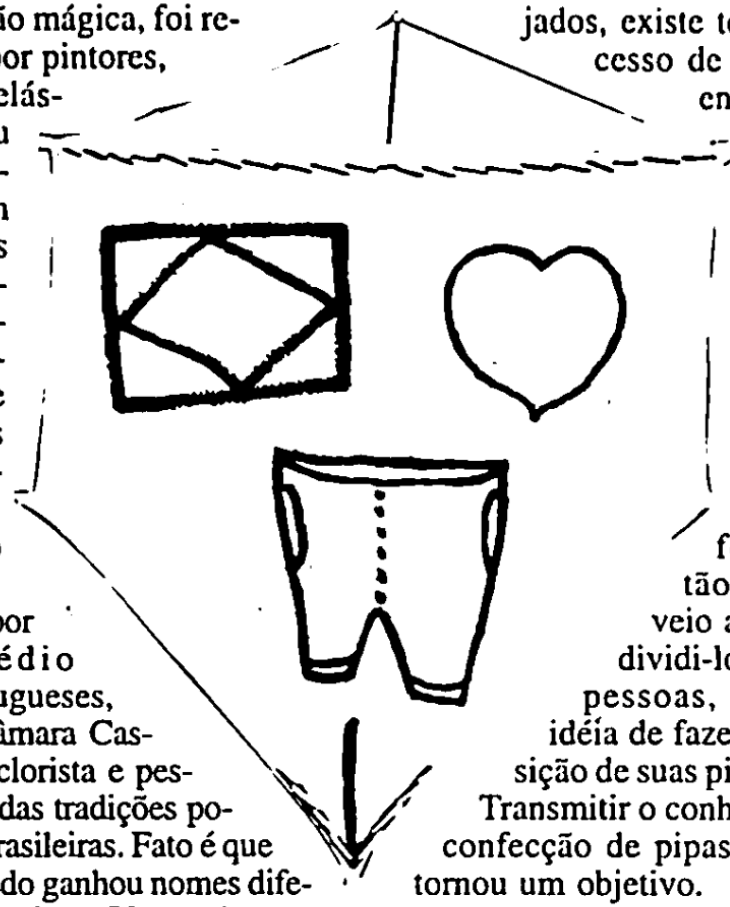
Dessa maneira Chico guarda a memória da avó que tanto amou.

O Objeto
Está com medo, tabaréu?
É linha de carretel.

Esse refrão soa mais ou menos como um grito de guerra entre os meninos pipeiros. Armado com linhas protegidas por cerol, o empinador arrisca o corte no cruzamento de pipas no céu. O ritual é ainda freqüente no interior do Brasil e mesmo nos subúrbios das cidades grandes.

Remontando ao Século XIII, na China, segundo alguns pesquisadores, a pipa servia para mandar a algum lugar notícias ou avisos.

De tão antiga, dizem até que foi um amigo de Platão, seu inventor. De tão mágica, foi retratada por pintores, como Velásquez, ou transformada em desenhos para ornamentar azulejos e murais artísticos.



No Brasil, aparece por intermédio dos portugueses, contra Câmara Cascudo, folclorista e pesquisador das tradições populares brasileiras. Fato é que o brinquedo ganhou nomes diferentes – arraia, cafifa, pandorga, papagaio – em todas as partes do país.

Faz parte da infância de todo menino confeccionar e soltar pipa. Da escolha do bambu para mostrar as armações, passando pelas cores do papel de seda, selecionadas de acordo com os modelos desejados, existe todo um processo de saberes que envolve instrumentos de trabalho e técnica na criação da pipa e na arte de empiná-la.

A Exposição

O acervo foi ficando tão vasto, que veio a vontade de dividi-lo com outras pessoas, surgindo a idéia de fazer uma exposição de suas pipas de pano. Transmitir o conhecimento da confecção de pipas também se tornou um objetivo.

São pedaços de fita, bordados, rendas retalhos de chita, linho ou algodão, que vão ganhando novas formas e, magicamente, se transformando em belas pipas prontas e ganhar o céu. Se elas voam, é outra história, mas certamente permitem o vôo da imaginação e da alegria. Cada uma tem seu nome e é relacionada a algum momento especial, sempre contando alguma história vivida de fato ou na imaginação do artista.

As Oficinas
Com as fibras do meu peito
Minha linha vou tecer
Com as cores do meu sonho
Minha pipa vou erguer.

Mais do que revelar segredos da confecção de pipas – o que faz com capricho e esmero – Chico dá linha ao grupo, guiando-o em meio às cores da memória, às formas das experiências, aos materiais que ficam guardados nos tantos baús do dia-a-dia e, assim, estimulando os vôos da imaginação, os mergulhos nos desejos, os enfrentamentos que levam a encontrar caminhos.

* Contador de Histórias

(Crônica extraída do livro *Difícil Passagem*, de Francisco Gregório Filho, editora Santa Clara)